

**Antropologia e método etnográfico:
uma contribuição para a compreensão das culturas**

*Anthropology and Ethnography:
a contribution to the understanding of cultures*

Gardênia Tereza Jardim PEREIRA¹
Patrícia Sinara Gomes SANTOS²

Resumo

Considerando a importância de se compreender o método etnográfico como ferramenta para compreensão de culturas tidas pela própria como “diferentes”, por meio do método etnográfico, antropólogos têm a oportunidade de desvendar culturas seja pelo caráter étnico, religioso, político, enfim, por meio da antropologia social e do trabalho de campo, é possível compreender as mais variadas culturas e perceber o quanto cada uma delas ao mesmo tempo em que se apresenta como particular, possui características plurais que raramente estão totalmente isoladas, pois, ainda que seja apenas pelo contato com o próprio antropólogo, acabam por “sofrer” influências externas. Este artigo é resultado de pesquisa exploratória e descritiva (APPOLINÁRIO, 2006) por meio de levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos e em meios eletrônicos e tem como objetivo fazer considerações acerca do método etnográfico e do papel da antropologia enquanto ciência que estuda a diversidade, ou seja, a diferença.

Palavras-chaves: Antropologia. Etnografia. Cultura.

Abstract

Considering the importance of understanding the ethnographic method as a tool for understanding cultures taken by itself as "different", through the ethnographic method, anthropologists have the opportunity to unveil cultures either by the ethnic character, religious, political, in order, by means social anthropology and field work, it is possible to understand the different cultures and realize how much each of them at the same time presents itself as particular, has plural characteristics that are rarely totally isolated, because, even if only by contact with the anthropologist end up "suffer" external influences. This article is the result of exploratory and descriptive research (Appolinario, 2006) through data collection over books, scientific papers and electronic media and aims to make considerations about the ethnographic method and the role of anthropology as a science that studies the diversity, in other words, the difference.

Key word: Anthropology. Etnografia. Culture.

¹ Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.
E-mail: gardeniajardim.ftc@gmail.com

² Graduanda em Administração da Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC.
E-mail: pattynara@hotmail.com

Introdução

De acordo com Benedict *apud* Fino (2006), a trajetória da vida individual de cada pessoa é, antes de tudo, uma adaptação às normas tradicionalmente transmitidas pela coletividade de geração para geração. Neste sentido, pode-se acrescentar que a partir do momento que o indivíduo vem ao mundo, os costumes do ambiente em que nasceu acabam por moldar suas experiências e condutas.

Sobre cultura, Geertz (1989) afirma que “é preciso desconstruir alguns conceitos sobre cultura e apresentar novos”, mesmo que seja difícil sair da condição tranquila, do conceito confortável de cultura proveniente da visão iluminista, preso a uma natureza humana clara e simples. Esse posicionamento é importante para que passemos a aceitar as mais diversas culturas que, pelo olhar da antropologia social, esses modos de vida não são apenas plurais, mas também multifacetados.

Para o autor, é melhor compreender a cultura “não como complexos de padrões concretos de comportamentos – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos [...] mas como um conjunto de mecanismo de controle – planos, receitas, regras, instruções [...] para governar o comportamento (p. 56)”. Ou seja, a cultura deve ser vista como um modo de pensar e agir para sobreviver, mas não um modo simplista, mas sim, uma maneira de viver que dá sentido ao individual e/ou coletivo.

Na perspectiva do autor, a idéia de que o homem precisa e anseia por esse conjunto de regras, chamado mecanismo de controle para sobreviver, é outra questão que deve ser considerada. Isso porque o ser humano é o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extra genéticos, fora da pele, como se fossem programas culturais, necessários para ordenar seu comportamento.

A cultura vista como ‘mecanismo de controle’, pressupõe a idéia de que o pensamento humano, e conseqüentemente seu ambiente natural, é a casa, a praça da cidade, o mercado, a escola, o trabalho e as relações que são construídas nestes espaços. Assim, tais mecanismos seriam todas as palavras, gestos, desenhos, sons musicais, ou objetos que sejam usados porque possuem significados às experiências vividas por esses indivíduos.

Somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura geral, mas através de formas altamente particulares de cultura: dobuana, javanesa, [...], classe alta e classe baixa, acadêmica e comercial [...]. (GEERTZ, 1989, p.61).

De acordo com Sahlins (1988), pensar sobre a possibilidade de desaparecimento da cultura é equivalente a praticar um “suicídio epistemológico”. Segundo ele, ainda que ela, ao longo do tempo, tenha perdido aquele caráter natural primitivo, proveniente de ideologia positivista, é notório que ainda seja a única ferramenta capaz de tornar compreensível as experiências e as ações dos homens através dos símbolos. Desse modo, ao perceber que sem homens não haveria cultura e sem esta não haveria homens e, sendo o homem o principal agente dela, a ideia de seu desaparecimento dependeria diretamente da extinção da espécie humana.

Todas essas considerações nos levam a ter certo cuidado ao julgar o que venha a ser ou não cultura. Compreende-se, portanto, o papel da antropologia enquanto ciência que estuda o “diferente”, o compreende e o difunde ainda que esse “diferente” seja visto por muitos como uma não cultura.

A importância da antropologia

Ao considerar o homem como ser biológico, social e cultural, percebe-se que as dimensões que compreendem a antropologia, são muito amplas e cada uma dessas dimensões pode ser representada pelas organizações sociais e políticas, parentesco, instituições sociais, por sistemas simbólicos, religião, comportamento, ou ainda, pelas condições de existência dos grupos humanos desaparecidos. Além disso, podem-se utilizar termos como antropologia, etnologia e etnografia para distinguir diferentes níveis de análise ou tradições acadêmicas. Sobre essa questão, Lévi-Strauss (1970, p. 377), acrescenta:

A etnografia corresponde aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição do trabalho de campo”. A etnologia, com relação à etnografia, seria “um primeiro passo em direção à síntese” e a antropologia “uma segunda e última etapa da síntese, tomando por base as conclusões da etnografia e da etnologia.

Porém, percebe-se que é possível entender a antropologia como a ciência que, ao estudar o diferente, acaba tendo conhecimento sobre a heterogeneidade cultural. Esse conhecimento amplia os olhares sobre as mais variadas maneiras de ser, pensar, agir e viver.

É importante ressaltar, no entanto, que essa diversidade humana nunca foi vista como um fato ou algo natural. As diferenças têm de ser explicadas, sejam por formas míticas, religiosas ou científicas. Neste contexto, pensar o papel da antropologia, é compreender a imersão dessa ciência em um cenário que, por sua vez é composto de cenários, autores e regras. Cabe aos antropólogos, normalmente, a tarefa de estudar culturas que são completamente diferentes das sociedades nas quais eles vivem, as diferenças entre as suas experiências e costumes, assim como, como estas funcionam.

De acordo com Silva (2000), a antropologia estabeleceu sua identidade como ciência por meio de uma abordagem metodológica, na qual a observação participante tornou-se elemento central. A partir da necessidade de se ir à campo, questionou-se então a antropologia de gabinete, tão criticada por alguns autores ao afirmarem que a não convivência com o objeto da pesquisa empobrecia a análise dos mesmos. Sobre a importância dessa abordagem metodológica o autor completa:

Se um dos principais objetivos da antropologia é promover um alargamento da razão possibilitado pelo conhecimento das várias concepções de mundo presentes nas culturas diversas (considerando-se que as culturas só se encontram através dos encontros dos homens), o trabalho de campo é um momento privilegiado para o exercício desse objetivo, pois é nele que a alteridade, premissa do conhecimento antropológico, se realiza. (SILVA, 2000, p.25).

No livro *a Magia do antropólogo* (SILVA, 2000, p.25), nos agradecimentos, é citado um dos rituais do Cabula, religião afro-brasileira: “O adepto deveria entrar no mato, com uma vela apagada e voltar com ela acesa, sem ter levado meios para acendê-la, e, além disso, com o conhecimento do nome de seu espírito protetor”. O objetivo do autor com essa citação é fazer uma analogia dessa cerimônia ao ofício do etnógrafo, pois, segundo ele, se sente muitas vezes “perdido em meio ao campo no reino obscuro de um conhecimento ainda não articulado, até que possamos voltar trazendo a luz, significados encobertos”.

O trabalho do antropólogo, por meio da etnografia, seria equivalente a “voltar com a vela acesa”, à medida que o método fosse auxiliando o pesquisador a desvendar e compreender as particularidades daquela cultura. É importante ressaltar que, além da compreensão, os antropólogos sempre terão que dar testemunho das culturas estudadas.

Silva (2000) comenta que Malinowski, o pai do funcionalismo, também percebia a magia que envolve o antropólogo, os métodos utilizados por ele e as relações construídas com os “nativos”. Foram esses “truques” que o possibilitaram a compreensão de todas as particularidades que envolviam a tribo indígena relatada em os “Argonautas do pacífico” (1976). O autor esclareceu sobre a necessidade de que o antropólogo passasse longos dias de convivência com os grupos estudados, com o fim de acompanhar de perto suas atividades diárias, apreender a língua nativa e, desse modo, absorver os valores e sentimentos do grupo, por meio da observação atenta do que seus integrantes fazem e dizem.

Geertz, (1989) corrobora com Silva (2000) ao perceber a importância do trabalho de campo do antropólogo, à medida que enfatiza que a prática etnográfica refere-se a estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante.

E sobre o papel da etnografia na antropologia o autor acrescenta:

Cada vez mais a etnografia vem se consolidando como uma atividade acadêmica profissional realizada inclusive por povos antes considerados apenas “objetos” desse conhecimento. “Sujeitos” e “objetos” da antropologia têm mudado de perfil em decorrência das mudanças nas relações políticas, econômicas e culturais entre os países que tradicionalmente “produziram” os primeiros e os continentes que tradicionalmente “forneceram” os segundos (GEERTZ, 1989, p.24).

Além dessa magia, Pritchard *apud* Silva (2000, p. 66), fala sobre outro tipo: a identificação subjetiva do antropólogo. “[...] embora eu pense que os diferentes antropólogos que examinam o povo, acabarão por registrar os mesmos fatos nos seus cadernos de notas, creio que eles escreveriam diferentes tipos de livros [...]” Ou seja, a subjetividade de cada antropólogo acaba por conferir livros únicos, fruto de olhares, questionamentos e concepções cada vez mais singulares.

A pesquisa etnográfica

De acordo com Moi (2007), no Brasil, as primeiras pesquisas etnográficas foram realizadas no século XIX. Todavia, esses trabalhos ainda são considerados escassos se levados em conta o grande e variado contexto cultural do país. Porém, é fato que o número de outras ciências que aderiram à utilização desse método proveniente da antropologia social para compreender de forma mais completa seus objetos de estudos é uma realidade, como é o caso da sociologia, arqueologia, etnologia etc.

A origem da etnografia provém da antropologia social e surgiu da necessidade de compreender as relações sócio-culturais, os comportamentos, ritos, técnicas, saberes e práticas das sociedades até então desconhecidas. Trata-se de uma imersão do investigador na situação estudada com o objetivo de descrever e explicar os fenômenos observados (SILVA, 2000).

Um estudo etnográfico requer muito mais tempo do que as técnicas de identificação de requisitos mais comuns, como as entrevistas. Logo, todos os recursos financeiros e temporais que o suportam, muitas vezes difíceis de obter, devem ser utilizados da forma mais otimizada possível.

Conforme dizia Spradley *apud* Fino (2006), a etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser a de um pequeno grupo tribal, numa terra exótica ou a de uma turma de uma escola dos subúrbios. Sendo tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo.

O método etnográfico implica em ganhar a confiança entre as pessoas que estão sendo observadas; tomar parte em suas atividades diárias por um longo período de tempo; fazer observações, com o maior detalhe possível, mas sem distrair as pessoas observadas de suas atividades; participar da elaboração dos materiais escritos; falar e entrevistar as pessoas participantes das tarefas; descobrir os temas importantes; fazer uma descrição exaustiva do sistema de trabalho estudado.

Sobre essas etapas, do trabalho etnográfico SILVA (2000, p. 58) completa:

O antropólogo, ao chegar a campo, percebe, no entanto, que dificilmente poderá executar seu trabalho sem a aplicação de algumas

técnicas ou procedimentos metodológicos. Assim, pede-se ao etnógrafo que conviva o maior tempo possível com o grupo estudado, aprenda a sua língua ou suas formas típicas de comunicação, registrem seus costumes, hábitos e depoimentos através de um diário de campo e, se possível, por meios capazes de registrar fatos, independentemente da “interpretação pessoal” do pesquisador, como gravadores de som, máquinas fotográficas, filmadoras, etc. Mas cabe ao antropólogo, em meio a grande e interrupto fluxo de significados, por meio de sua sensibilidade, decidir quais sinais, falas, eventos, nomes, relações e objetos, deve privilegiar para “reconstruir a realidade.

Entretanto, sabe-se que a permissão para fotografar e filmar pessoas e rituais depende do tipo de relação (intimidade, confiança, reciprocidade, etc.) que se desenvolve entre o pesquisador e o grupo pesquisado. Geertz (1989, p.29), afirma que “o etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente”.

“A suposição de que o antropólogo, durante a observação participante pode se manter neutro ou, então, “pairar” como uma “entidade” acima da vida dos seus observadores e nela não interferir é, sem dúvida, uma visão um pouco condizente com a realidade do trabalho de campo”. Como exemplo, o antropólogo que pesquisa as religiões afro-brasileiras dificilmente realiza sua observação participante sem causar ou ser envolvido nos conflitos e realidades que caracterizam a vida cotidiana dos terreiros. O antropólogo vai aprendendo, assim, qual o grau adequado de proximidade e distância que deve manter na convivência cotidiana dos seus grupos. (SILVA, 2000 p.37).

No que se refere a pesquisa etnográfica, reconhece-se que a observação participante é necessário porque parte do comportamento das pessoas é baseado em conhecimento não-falado, o conhecimento tácito. Assim, não é suficiente fazer perguntas, é necessário observar o que as pessoas fazem, as ferramentas que utilizam e como se relacionam entre si.

É necessário entender todos os termos utilizados e a forma como estes se relacionam, procurando evitar distorcer o seu significado. Além disso, a abordagem a todos os objetos e documentos utilizados pelos indivíduos deve ser realizada com cautela. É importante observar como a utilização destas ferramentas é feita para atingir os objetivos pretendidos.

Para orientar a atividade etnográfica, compreende-se que são necessários os seguintes quatro princípios: encontro inicial – passar algumas horas no ambiente onde os processos ocorrem para estudar as pessoas nas suas atividades diárias; holismo – crença que os comportamentos apenas podem ser entendidos no contexto em que ocorrem; descrição e não prescrição – descrever como as pessoas se comportam realmente e não como se deveriam comportar; ponto de vista dos participantes - descrever os comportamentos de forma relevante para os participantes do estudo.

Considerações finais

Este artigo é resultado apenas de pesquisa bibliográfica, cuja intenção exposta limitou-se a considerações sobre a importância da antropologia e do método etnográfico para compreensão das mais variadas formas de cultura, assim não há a pretensão de se chegar a conclusões.

Percebe-se que a partir do momento que os antropólogos “abandonaram” a antropologia de gabinete, os resultados das pesquisas tornaram-se mais ricos e mais confiáveis. Foi possível conhecer melhor as culturas a partir da observação, por meio da convivência com grupos religiosos, indígenas, quilombolas e de qualquer outro que tenha modos de vidas diferentes do que a sociedade moderna vê como “normal”.

Sendo assim, verifica-se que a antropologia social se desenvolveu muito e que, atualmente, pela utilização do método etnográfico, as particularidades das diferentes culturas podem ser conhecidas e muitas vezes preservadas. Afinal, o trabalho de campo pode ter, como resultado final, iniciativas que viabilizem a manutenção dessas culturas, por meio do enaltecimento ou da valorização do sentimento de pertença.

Referências

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática de pesquisa**. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2006.

FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. Universidade da Madeira. Disponível em: < <http://www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf> >. Acesso em 10/MAR/2009.

GEERTZ, Clifford. **O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem**. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

_____. Clifford. **A interpretação das culturas: por uma teoria interpretativa da cultura.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

MOI, Flávia Prado. **Os xerentes: um enfoque etnoarqueológico.** São Paulo: Porto Seguro; Annablume; Acervo, 2007.

SAHLINS, Marshall. **O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (parte I e II);** 1987.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões Afro-brasileiras –** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.